

MICHEL FOUCAULT E O MARXISMO: “COMUNISTA NIETZSCHEANO”¹

Giovani do Carmo Júnior

Doutorando em Ética e Filosofia Política pela Universidade Federal do Paraná.
Mestre em Ética e Filosofia Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

RESUMO

Este artigo tem por objetivo esboçar a relação de Michel Foucault com o marxismo de 1950 a 1970. O marxismo se refere ao Partido Comunista Francês e aos movimentos, correntes e autores em solo francês identificados ao pensamento de Karl Marx (1818-1893). O fracasso do socialismo real, a defesa da ortodoxia de Marx, o controle exercido pelo Partido Comunista e o abandono da ação direta são os elementos balizadores da relação do autor com as estruturas, espaços e análises marxistas. Assim, o filósofo vai se afirmar um “comunista nietzscheano” em termos de transformação de si, dos outros e do mundo.

PALAVRAS-CHAVE

Michel Foucault; marxismo; "comunista nietzscheano".

ABSTRACT

This article aims to outline the relationship of Michel Foucault with Marxism from 1950 to 1970. Marxism refers to the French Communist Party and the movements, currents and authors on French soil identified with the thought of Karl Marx (1818-1893). The failure of real socialism, the defense of Marx's orthodoxy, the control exercised by the Communist Party and the abandonment of direct action are the basic elements of the author's relationship with Marxist structures, spaces and analyses. Thus, the philosopher will affirm himself a "Nietzschean communist" in terms of transformation of himself, others and the world.

KEYWORDS

Michel Foucault; Marxism; "Nietzschean communist".

¹ Este artigo é parte da pesquisa de mestrado em Filosofia realizada no Departamento de Filosofia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro na linha Ética e Filosofia Política com o apoio de Bolsa CAPES.

INTRODUÇÃO

Neste artigo objetivamos esboçar qual a relação de Michel Foucault com o “marxismo”. Para isso, faz-se necessário traçar a trajetória biográfica e formativa do autor delineando os pontos de contato dessa relação. Parece ser possível inferir que, na *École Normale Supérieure de Paris*, o “marxismo”² e a vida cotidiana dos acadêmicos estavam entrelaçados. Por isso, rastreamos no pensamento do autor passagens nas quais se refere ao marxismo e traça breves análises a respeito de sua relação. Nessa esteira, será necessário demonstrar a geografia política e intelectual na qual se formou, transitou e produziu suas críticas (BERT, 2015).

RESISTÊNCIA OU COLABORACIONISMO: UM PAÍS DE HERÓIS?

Foucault, em entrevista a Ducio Trombadori, em 1978, declara que os jovens estudantes após a Segunda Guerra Mundial sentiam uma imperiosa vontade de lutar por uma sociedade radicalmente outra. Foucault, em entrevista a Pascal Bonitzer e Serge Toubiana, em 1974, comenta a memória produzida por certo modo de narrar o período da Grande Guerra. A entrevista tinha como objetivo discutir as impressões do filósofo sobre três filmes: *Le Chagrin et la Pitié*, de Marcel Ophüls (1969); *Portier de nuit*, de Liliana Cavani (1973); e *Lacombe Lucien*, de Louis Malle (1974). Este último narra o retrato de um jovem, colaboracionista no último ano de ocupação nazista na França. O primeiro é um documentário sobre o governo de Vichy e o cotidiano dos franceses durante a ocupação. O segundo é sobre a relação erótica entre um sobrevivente de um campo de concentração e seu torturador em um hotel na cidade de Viena (LEME, 2023, p. 91).

Para Foucault a história oficial a respeito da Segunda Guerra Mundial está em jogo nessas películas. Em um lado, está a memória de um governo colaboracionista, sediado na cidade de Vichy, sob o comando do marechal Philippe Pétain; em outro, ergueu-se a história do herói nacional sustentado pela figura do homem de direita defensor do velho nacionalismo, cujo engajamento em um numeroso movimento com a

² Ressalto que a valência dada ao termo “marxismo” se refere ao movimento, correntes e autores os quais se desenvolveram a partir do pensamento de Karl Marx (1818-1883). Ao me referir ao pensamento do próprio Karl Marx utilizo o termo “marxiano” (MARCONDES; JAPIASSÚ, 1990, p. 161).

participação de intelectuais e de integrantes do Partido Comunista Francês (PCF) resistiram ao nazismo e ao fascismo. Charles de Gaulle, general do exército de libertação, propagou, a partir de 1959, esse mito do país da resistência e forçou o apagamento desse colaboracionismo voluntário. Assim, segundo Foucault, esses filmes surgem na ruptura entre essas duas memórias a respeito da reação francesa na Segunda Guerra.

Os filmes escancaram o desgaste histórico das figuras mitológicas. Segundo Foucault, no período Pós-Guerra, surgiu um modo de produzir a história à maneira epopeica. Isto é, um tipo de história dedicada a narrar os feitos dos grandes heróis e da resistência: Churchill e de Gaulle. Uma história aos moldes escolares de epopeia descritiva da grande Revolução Francesa, dos feitos de Napoleão Bonaparte e do martírio como sinal de grande heroísmo. Porém, os filmes a respeito desse passado colaboracionista colocam em voga a própria sustentação dessa heroicidade. Há um duplo ataque em curso. O herói apaga a imagem das lutas populares e anônimas travadas contra a ocupação. Ao mesmo tempo, o colaboracionismo tratado nos filmes implode a epopeia heroica. Ambigualmente, inexistência de lutas e de heróis.

Segundo Foucault, naquele momento, era impossível fazer um filme positivo a respeito das lutas e da resistência. Tal película resultaria em risos e desinteresse unânime, pois seria o movimento realizado pela esquerda e pela direita francesa de sustentar certa “honra nacional”. Para Leme (2023), Foucault identifica que esse foi o movimento empreendido após o desgaste histórico da figura mitológica do herói. A direita justificou o governo de Vichy e o patriotismo de Pétain. Isso produziu um reagrupamento camuflado para sustentar a candidatura de Giscard D’Estaing em 1974. A direita reacionária se uniu ao neoliberalismo. Em vista disso, a luta dar-se-ia para apagar o colaboracionismo por meio de um argumento “realista” em nome de uma honra advogada aos serviços nazistas. Em um último passo, estaria em construção uma memória mitológica de uma nação vilipendiada e invadida por estrangeiros.

Para além da concepção marxista, cujo diagnóstico sobre a origem do nazismo e do fascismo encontrar-se-ia em uma fração reacionária da população, para Foucault estava em pauta uma batalha em torno da história cujo fato colaboracionista não se pode apagar. Nos termos de Foucault, em entrevista a P. Bonitzer e S. Toubiana, em 1974, para o *Cahiers du Cinema*:

Particularmente, falta o fato de que o nazismo e o fascismo só foram possíveis porque conseguiu ter, no interior das massas, uma porção relativamente importante que tomou sobre si e, por conta própria, certo

número de funções estatais de repressão, controle, polícia. Há, creio eu, um fenômeno importante no nazismo. Isto é, sua penetração profunda no interior das massas e o fato de uma parte do poder ter sido efetivamente delegado a certa parcela das massas. [...] O fato é que, contrariamente ao que entendemos habitualmente por ditadura, ou seja, o poder de um, podemos dizer que, em um regime como esse, dá-se a parte mais detestável, mas em um sentido mais intoxicante, do poder a um número considerável de pessoas. A S.S. era aquela a quem demos o poder de matar, de violar... (FOUCAULT, 2001a, p. 1522, tradução nossa)³.

UMA CÉLULA ORTODOXA ACADÊMICA

Após a guerra, seguiu-se um período de intensa atividade política e militante na França. As manifestações em prol do fim da guerra de independência da Indochina, entre 1946 e 1954, motivaram inúmeros estudantes da *École Normale Supérieure* (ENS) a ingressar na célula *normalienne* do Partido Comunista Francês (DEFERT, 2001, p. 17). Entre eles, estava o jovem estudante Michel Foucault. A filiação parece também ter seu motivo na amizade com Louis Althusser, filiado ao partido em 1948. Como professor de *agrégation*, estimulava os alunos a assumirem posição política.

Foucault tentou ingressar no PCF em 1947. Mas, em seu pedido à direção partidária exprimia a vontade de somente militar na célula sem adesão ao sindicato dos estudantes. O pedido foi rejeitado, pois não era possível ser militante sem filiação institucional (ERIBON, 1990, p. 63).

Foucault não assentia à pressão exercida pelos líderes do PCF na ENS sobre a vida privada de Althusser. Em dado momento, constrangeram-no a romper relações com sua companheira. Foucault filiou-se, em 1950, todavia refletia sobre sua desfiliação logo no primeiro semestre de 1951 e efetuiu-a em outubro de 1952 (DEFERT, 2001, p. 20). Nos termos do filósofo, em entrevista a Trombadori, em 1978, “Nós desejamos um mundo e uma sociedade não apenas diferentes, mas que fossem outro nós mesmos; nós queríamos ser completamente diferentes em um mundo completamente diferente” (FOUCAULT, 2017a, p. 868, tradução nossa)⁴.

³ “En particulier, il manque le fait que le nazisme et le fascisme n’ont été possibles que dans la mesure où il a pu y avoir à l’intérieur des masses une portion relativement importante qui a pris sur elle et à son compte un certain nombre de fonctions étatiques de répression, de contrôle, de police. Il y a là, je crois, un phénomène important du nazisme. C’est-à-dire sa pénétration profonde à l’intérieur des masses et le fait qu’une partie du pouvoir a été effectivement déléguée à une certaine frange des masses. [...] Le fait est que, contrairement à ce qu’on entend d’habitude par dictature, c’est-à-dire le pouvoir d’un seul, on peut dire que, dans un régime comme celui-là, on donnait la partie la plus détestable, mais en un sens la plus enivrante, du pouvoir à un nombre considérable de gens. Le S.S. était celui auquel on avait donné le pouvoir de tuer, de violer...” (FOUCAULT, 2001a, p. 1522).

⁴ “On désirant un monde et une société non seulement différents, mais qui auraient été un autre nous-mêmes ; on voulait être complètement autre dans un monde complètement autre” (FOUCAULT,

No ambiente da ENS, dois grupos intelectuais e políticos dominavam a cena: os “talas” católicos e os comunistas. Além deles, havia pequenos grupos associados aos socialistas de *Rassemblement Démocratique Révolutionnaire*, fundado por Jean Paul Sartre em 1948. Os intelectuais e professores lideravam a célula do PCF. Por isso exerciam influência sobre a opção política dos estudantes (BARING, 2019, p. 131). Em suma, “Toda a vida da Escola é impregnada pela política, e as querelas são extremamente vivas” (ERIBON, 2011, p. 61, tradução nossa).⁵

O grupo se caracterizava por uma centralização excessiva em matérias decisórias, além de haver uma prática de expurgo de opiniões contrárias às ideias propagadas pelo Partido Comunista da União Soviética (PCUS). Sob a liderança de Althusser a célula arrogava para si o papel de ser a intelectualidade garantidora da ortodoxia do PCF. Os membros do PCF parecem ter espalhado na ENS um clima de terror na vida estudantil. Quem não aderira ao partido era excomungado da vida estudantil que se dava nos grupos. Emmanuel Le Roy Ladurie, secretário da célula, era o grande inquisidor garantidor e juiz da ortodoxia (ERIBON, 2011).⁶

PARTIDO COMUNISTA FRANCÊS: CONFLITOS E TENSÕES CONTRA A TIRANIA

Foucault deixou o partido em 1952, depois de uma série de embates. O principal motivo, segundo o autor em entrevista a Trombadori, foi o suposto “complô dos médicos” contra Josef Stalin (1878 – 1953), governante da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Em 13 de janeiro de 1953, o jornal *Pravda* noticiou a acusação de conspiração para matar a cúpula do PCUS. O planejamento teria sido deflagrado por médicos soviéticos de origem judia, corrompidos pela agência de inteligência norte-americana (CIA) no hospital do Kremlin. Stalin prendeu-os, interrogou-os e torturou-os. Foucault relata que André Wurmser, jornalista e militante do partido, em reunião com a

2017a, p. 868).

⁵“Toute la vie de l'École est imprégnée par la politique et les querelles y sont extrêmement vives” (ERIBON, 2011, p. 61).

⁶ Jacques Derrida, contemporâneo de Foucault na ENS, relata a estratégia stalinista de aniquilamento dos adversários. “However, from the philosophical point of view, I felt as if I were in an embarrassing situation. That whole problematic seemed to me necessary, no doubt, within the Marxist field, which was also a political field, marked in particular by the relation with the Party of which I was not a member and which was slowly moving away from Stalinism (and which, while I was a student there, moreover, dominated in a very tyrannical manner)” (DERRIDA, 1993, p. 187).

célula, forçou os estudantes, descrentes à tese conspiratória, a aceitarem-na. Após a morte de Stalin, em março de 1953, veio a público a farsa.

Filiar-se ao Partido consistia em (em suas palavras, em entrevista a Trombadori, em 1978) “ser obrigado a apoiar algo que é mais contrário ao que se pode acreditar fazia precisamente parte deste exercício de dissolução do eu e da procura do outro” (FOUCAULT, 2017a, p. 870, tradução nossa).⁷ Foucault, concomitantemente, foi impedido pelo PCF de publicar um estudo sobre Descartes por ser contrário às ideias do Partido (DEFERT, 2001, p. 20).⁸

Estando em Uppsala e Varsóvia, Foucault conheceu os efeitos do controle do aparelho de Estado pelo Partido Comunista. Seus estudos sobre o encarceramento e seus relacionamentos homossexuais levaram a polícia de Gomulka a exigir sua saída do país (DEFERT, 2001, p. 28). Dessa maneira, parece ser possível inferir que a interdição do debate contraditório, a violência de Estado e a ausência de autonomia intelectual em relação às posições ideológicas defendidas pelo PCUS são também motivos para que Foucault rompesse com o PCF (BERT, 2015, p. 107).

Para compreender os mecanismos de controle de ideias do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) a seus intelectuais e suas tensões, parece ser relevante retornar à fundação do *Komintern* e do *Kominform*. A Terceira Internacional Comunista (*Komintern*) foi fundada em março de 1919, por Vladimir Lênin e pelo PCUS, como organismo internacional de direção dos Partidos Comunistas. Ele foi dissolvido por Stalin em 22 de maio de 1943. Cada partido deveria se mover desvinculado do *Presidium* de Moscou. Contudo, o PCUS continuou a exercer força hierárquica sobre os partidos. Isso ficou explicitado com a organização do *Kominform*, que condicionou o comportamento dos Partidos Comunistas (SPRIANO, 1987, p. 174).

O *Kominform* foi fundado em fins de setembro de 1947, capitaneado por Andrei Jdanov e Geórgiy Maksimiliánovich Malenkov, líderes do PCUS e colaboradores de Stalin. A organização era obcecada pelo controle da ortodoxia ideológica na URSS. As crises internas da URSS, com a morte de Stalin, em 1953, a repressão militar do governo comunista húngaro à revolução de 1956 e o reconhecimento das atrocidades de Stalin contra seus opositores nos

⁷ “Cette manière d’être dans le Parti : le fait d’être obligé de soutenir quelque chose qui est le plus contraire à ce qu’on peut croire faisait justement partie de cet exercice de dissolution du moi et de la recherche du tout autre” (FOUCAULT, 2017a, p. 870).

⁸ Posteriormente, Foucault escreveu, a pedido de Althusser, *Maladie mentale et personnalité* em cuja segunda parte defendeu a reflexologia de Pavlov como constava nas regras do partido. Porém, na segunda edição, em 1962, substituiu a segunda parte por outro texto (*Folie et culture*) e alterou o nome da obra para *Maladie mentale et psychologie* (FOUCAULT, 1991).

gulags no XX Congresso do PCUS provocaram o encerramento institucional do *Kominform* entre 1955 e 1956 (SPRIANO, 1987, p. 210).

MARXISMO FRANCÊS

Na França, as ideias do marxismo não se incorporam imediatamente aos movimentos operários na *Section Française de l'Internationale Ouvrière* e na *Confédération Générale du Travail* (CGT). O Partido Comunista Francês, fundado em 1920, atraiu poucos adeptos em seus primeiros anos de existência. Entre eles, somente personalidades literárias de inclinação passional aos ideais socialistas. Em 1928, aderiram Paul Nizan, Henri Lefebvre, Georges Politzer e Norbert Guterman. A Segunda Guerra mudou o cenário do marxismo na França. O PCF manteve a força popular dominante na resistência. O partido no Pós-Guerra se firmou como força política por sua superioridade organizativa e seu prestígio pelo movimento de resistência à ocupação nazista, desencadeando um aumento na adesão de intelectuais (ANDERSON, 1976; GARO, 2011).

A passividade política do PCF, sobretudo ante a guerra contra a independência argelina, foi motivo de desfiliação de muitos destes e de outros intelectuais (ANDERSON, 1976, p. 54). Ainda, o partido se viu fragilizado pelo desencanto e desconfiança quanto ao fracasso do socialismo real. No XX Congresso do PCUS, em 1956, Nikita Khrushchov, primeiro-ministro da União Soviética, expôs os crimes violentos cometidos por Stalin contra seus opositores políticos. O jornal *L'Humanité*, do PCF, não publicou o discurso. Além disso, a aprovação do PCF à repressão soviética da revolução húngara, em 1956, provocou uma reação anticomunista na França que conduziu o partido a focalizar a defesa da organização e a provocar as baixas de militantes e intelectuais (GARO, 2011, p. 20).

Segundo Foucault, há uma esquerda antes e depois da guerra da Argélia, devido à posição ambígua do PCF. Sob uma perspectiva, vivia-se na França o fim da época colonial, ao passo que se tornavam públicas as violências do regime stalinista e a repressão na Hungria. O PCF se manteve ambíguo, enquanto outros grupos da esquerda desvinculados dos ideais soviéticos se ligaram à luta radical contra a guerra. Por conta disso, os jovens e os estudantes se opuseram duramente ao Partido de 1968-1970. A ligação incondicional ao Partido por parte dos movimentos políticos se rompeu

(FOUCAULT, 2017a, p. 890)⁹. A partir disso, segundo Foucault, constituiu-se um movimento de “nova esquerda”. Uma forma de comunismo crítico, referenciado na iniciativa das massas, avessa à limitação do partido e fundada no conceito de “revolução cultural” propagado na revolução cultural chinesa de Mao Tsé-Tung, de 1966 a 1976.

Após a morte de Karl Marx, pensadores como Friedrich Engels, Eduard Bernstein, Antonio Labriola, Gueorgui Plekhanov, Karl Kautsky e Lênin arrogaram-se, cada um à sua medida, intérpretes corretos e desenvolvedores da teoria surgida de suas obras colocadas sob o signo de marxismo. O termo foi usado pela primeira vez como qualificativo negativo no interior das disputas da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), na década de 1860, entre os adeptos das ideias de Mikhail Bakunin e os adeptos das ideias de Marx (RUBEL, 1965). Em contrapartida, Marx empregava a designação de “socialismo científico” ao falar de seu trabalho e ressaltou que seus ditos adeptos não o compreendiam e, por vezes, deformavam-no. Sem embargo, seus adeptos abraçaram o adjetivo pejorativo para reivindicar sua filiação teórica e política (TELES, 2023).

A esquerda francesa, chamada de “marxismo” por nosso autor, parece ter maior ligação com o PCUS e os movimentos de massa que com as ideias de Karl Marx, em termos de um elemento sobrevalente. O *Manifesto Comunista* foi traduzido para o francês, em 1885, pela esposa de Marx. Porém as obras de Marx e Engels foram traduzidas com maior afinco em francês somente após a Primeira Guerra Mundial. As edições soviéticas para os vários idiomas começaram a partir de 1950. Na década de 1960, aparecem na França as traduções de Maximilien Rubel, Roger Dangeville, sob a forma de seleções de texto, com exceção de *Grundrisse*, e o capítulo 6 de *O capital*. Lucien Sevèn, como diretor das Edições Sociais, empreendeu a tradução completa e sistemática das obras de Marx e Engels, de 1970 a 1982. Por isso, parece ser possível afirmar que o marxismo difundido ao interno das inúmeras células do PCF espalhadas pela França estava mais ligado às estruturas institucionais do comunismo soviético que às obras de Karl Marx (GARO, 2011, p. 27-28).

⁹ Entrevista a Ducio Trombadori, em 1978: “Avant, même lorsqu’on critiquait le Parti, on finissait toujours par conclure que, malgré tout, il était, en gros du bon côté. L’U.R.S.S. aussi, en gros. Mais, après l’Algérie, cette sorte d’adhésion inconditionnelle était en train de craquer” (FOUCAULT, 2017a, p. 890).

MARXISMO FILOSÓFICO FRANCÊS

Nesse contexto, a filosofia francesa se desenvolvia, segundo Foucault, entre duas linhas delimitadas pela filosofia do sujeito e a filosofia do conceito. Essa clivagem separava Jean-Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty, detidos nos conceitos de experiência, sentido e sujeito,¹⁰ enquanto Jean Cavaillès, Alexandre Koyré, Gaston Bachelard e Georges Canguilhem, debruçados sobre os problemas do saber, da racionalidade e do conceito.¹¹ Essas vertentes foram impactadas pelas cinco conferências pronunciadas em Paris por Edmund Husserl, em 1929, reunidas sob o título de *Les méditations cartésiennes*. A partir daí, aparecem duas leituras possíveis: a fenomenologia existencial e a história da ciência.

A relação fenomenologia e marxismo esteve em pauta entre 1945 e 1965. O palco dessa discussão era o jornal *La Nouvelle Critique*, fundado em 1948. Para os fenomenólogos comunistas, como Jean-François Lyotard, Jean-Toussaint Desanti e Tran Duc Thao, segundo Foucault, a fenomenologia husserliana encontrava seu valor na fundamentação das ciências humanas e naturais. Em seus termos: “O problema, para ele [Husserl], era saber como é possível enraizar efetivamente, ao nível da evidência, da intuição pura e apodítica de um sujeito, uma ciência que se desenvolve segundo um certo número de princípios formais e até certo ponto vazios” (FOUCAULT, 1996, p. 29). Para o filósofo francês, desde 1945, o marxismo foi matéria prima de pensamento para Sartre e outros fenomenólogos¹². Por isso, para Foucault, a ortodoxia da célula comunista da ENS liderada por Althusser propunha um retorno às obras de Karl Marx pela via da ortodoxia científica¹³.

¹⁰ Afirma, na entrevista *La philosophie structuraliste permet de diagnostiquer ce qu'est "aujourd'hui"*, concedida a *La Presse de Tunisie*, em 12 de abril de 1967, que, “l’existentialisme s’est formé en France à partir d’une tradition philosophique (Hegel, Kierkegaard, Husserl et Heidegger) et aussi d’une très riche expérience politique qui était celle de la lutte contre le fascisme et le nazisme depuis 1933. [...] l’existentialisme a probablement, pendant une dizaine d’années, offert un style d’existence à un certain nombre d’intellectuels français et peut-être aussi européens, mais on peut dire qu’aucun savoir n’a jamais pu être dit existentialiste” (FOUCAULT, 2001c, p. 610).

¹¹ Afirmação baseada no texto *La vie: l’expérience et la Science*, em homenagem a Georges Canguilhem, escrito em 1984 para a revista *Revue de métaphysique et de morale*, que o publicaria no primeiro número de 1985 (FOUCAULT, 2017d, p. 1583).

¹² Afirmação sustentada na entrevista *Structuralisme et poststructuralisme*, concedida a G. Raulet da revista *Telos*, na primavera de 1983 (FOUCAULT, 2017e, p. 1253).

¹³ Em entrevista a Madalaine Chapsal, de *La quinzaine littéraire*, em 16 de maio de 1966, afirma: “Nous devons dénoncer toutes ces mystifications, comme actuellement, à l’intérieur du P.C., Althusser et ses compagnons courageux luttent contre le ‘chardino-marxisme’” (FOUCAULT, 2001b, p. 544).

Foucault se dedicou ao estudo da epistemologia conceitual e da análise estrutural da linguagem em torno do conceito de sistema. O conceito de sujeito fenomenológico consiste em conceber a consciência como doadora de sentido ao mundo. O sentido, estando em todos os lugares, é o resultado de um deciframento da realidade objetiva¹⁴. A consciência, nesse sentido, é intencional. Nos termos de Husserl (2020, p. 111): “As vivências do conhecimento – isso pertence à essência dele – têm uma *intentio*, visam a algo, relacionam-se de um ou de outro modo com uma objetividade”. Segundo Sokolowski (2004, p. 17), “Cada ato de consciência que nós realizamos, cada experiência que nós temos, é intencional: é essencialmente ‘consciência de’ ou uma ‘experiência de’ algo ou de outrem”.

Para Foucault, os estudos estruturalistas afirmavam que a sustentação simbólica dos indivíduos no tempo e no espaço se devia ao sistema. O sistema consiste em um conjunto de relações que se mantém e se transformam independentemente das coisas conectadas por ele. O sistema determina a forma de refletir, escrever, julgar, falar e sentir de tal maneira que essa estrutura teórica muda conforme as épocas e sociedades, mas cada época e sociedade tem sua estrutura relacional. Dessa maneira, o sentido é um mero efeito de superfície produzido pelo sistema¹⁵.

Além disso, Foucault pensava que essa ligação entre fenomenologia e marxismo era insuficiente para pensar o sujeito constituinte já dado, universal e essencial. A historicidade do sujeito fenomenológico implicava compreender ainda uma consciência em constante transformação histórica. Em suas palavras, “Todo esse pensamento se articulava em torno do problema: ‘Como é possível que tudo isso aconteça a uma consciência, a um ego, a uma liberdade, a uma existência?’” (FOUCAULT, 1996, p. 28). Por isso, Foucault empreendeu uma análise genealógica da constituição histórica do sujeito. Em seus termos na entrevista concedida a Fontana e Pasquino em 1976:¹⁶

E isso o que eu chamaria de genealogia, ou seja, uma forma de história que relata a constituição dos saberes, dos discursos, dos domínios de objeto, etc. sem ter que se referir a um sujeito, que seja transcendente em relação ao

¹⁴ Afirmação amparada nas palavras do autor, em entrevista a Madalaine Chapsal, de *La quinzaine littéraire*, em 16 de maio de 1966 (FOUCAULT, 2001b, p. 542).

¹⁵ Afirmação amparada nas palavras do autor, em entrevista a Madalaine Chapsal, de *La quinzaine littéraire*, em 16 de maio de 1966 (FOUCAULT, 2001b, p. 543).

¹⁶ Entrevista concedida a Alessandro Fontana e P. Pasquino em junho de 1976, mas publicada em 1977 na edição italiana de *Microfisica del potere: interventi politici* e presente na edição brasileira da obra organizada e traduzida por Roberto Machado (FOUCAULT, 1998).

campo dos acontecimentos ou a correr em sua identidade vazia, ao longo da história (FOUCAULT, 2017b, p. 147, tradução nossa)¹⁷.

ENCONTROS, DESVIOS, EXPERIMENTAÇÃO: TRANSFORMAR O LIMITE DO VIVÍVEL

Nesse ponto, localiza-se o encontro de Foucault com a obra de Friedrich Nietzsche, entre 1952 e 1953, levado pelos textos de Heidegger, Georges Bataille e Maurice Blanchot (DEFERT, 2001, p. 22). Debruçou-se principalmente sobre os escritos do período de 1880, os quais versam a respeito da verdade, da história do saber e da racionalidade. Foucault encontrou em Nietzsche uma caixa de ferramentas para diagnosticar o presente para além do *freudo-structuralo-marxisme* imperante na ENS, pois, em vez de modelos de totalização da realidade e da história das ciências,¹⁸ analisa a formação histórica da verdade¹⁹.

Foucault afirma que Nietzsche foi, em seu pensamento, a única via teórica e política de acesso ao comunismo. A expressão “comunista nietzschiano” é um oxímoro. O oxímoro é uma figura de linguagem usada para agregar elementos de sentidos contrários e excludentes em uma construção enfática. Indica o inconcebível em termos teóricos e políticos e expressa uma forma de vida que toca o limite do vivível, do inabitável, do impossível (“*invivable*”) (NIGRO, 2015, p. 71). Portanto o comunismo era, para Foucault, uma experiência de transformação, a fim de produzir um ser outro em um mundo totalmente outro. Em seus termos em entrevista a Trombadori, em 1978:

Estávamos à procura de outros caminhos para nos conduzir ao totalmente outro que acreditávamos encarnados pelo comunismo. É por isso que em 1950, sem conhecer bem Marx, recusando o hegelianismo e sentindo-me desconfortável com o existencialismo, pude aderir ao Partido Comunista

¹⁷ “Et c’est ce que j’appellerais la généalogie, c’est-à-dire une forme d’histoire qui rend compte de la constitution des savoirs, des discours, des domaines d’objet, etc. sans avoir à se référer à un sujet, qu’il soit transcendant par rapport au champ d’événements ou qu’il coure dans son identité vide, tout au long de l’histoire” (FOUCAULT, 2017b, p. 147).

¹⁸ Em sua resposta a Sartre, em 1968, afirma: “La philosophie de Hegel à Sartre a tout de même été essentiellement une entreprise de totalisation, sinon du monde, sinon du savoir, du moins de l’expérience humaine, et je dirai que peut-être s’il y a maintenant une activité philosophique autonome, s’il peut y avoir une philosophie qui ne soit pas simplement une sorte d’activité théorique intérieure aux mathématiques ou à la linguistique ou à une philosophie indépendante, libre de tous ces domaines, eh bien, on pourrait la définir de la manière suivante: une activité de diagnostic” (FOUCAULT, 2001, p. 693).

¹⁹ Afirmação baseada em sua primeira aula na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em 1973 (FOUCAULT, 2001k, p. 1409).

Francês. Ser “comunista nietzschiano” era realmente insuportável (*invivable*) e, por assim dizer, ridículo. Eu sabia disso (FOUCAULT, 2017a, p. 869, tradução nossa)²⁰.

A afirmação de Foucault (“ser outro” em um mundo “totalmente outro”), associada ao comunismo faz com que se descortine outra faceta das relações de Michel Foucault com os movimentos políticos das décadas de 1950, 1960 e 1970. Pesquisadores indicam sua proximidade com certa tradição libertária e comunista presente na França anteriormente a Karl Marx. As águas caudalosas da cena política francesa estavam marcadas desde o início do século XIX pelas figuras de Pierre-Joseph Proudhon, Marx Stirner e Mikhail Bakunin.

Além da *Gauche Prolétarienne*, gestada dentro dos movimentos de Maio de 1968, sob inspiração da Revolução Cultural Chinesa, havia os movimentos anarquistas, autonomistas, anarcossindicalistas e maoistas libertários. Isso demonstra que o cenário político no qual Michel Foucault navegava era muito mais plural do que se apresenta em uma primeira mirada.

Mesmo que o fascismo, o nazismo e a violência stalinista tenham surgido após uma efervescência revolucionária, o século XX não apagou a chama da Revolução Espanhola levada a cabo pela luta anarquista. Os sistemas de autogestão foram múltiplos e se mantiveram presentes na memória popular nos anos subsequentes, sobretudo no Maio de 1968 e nas lutas posteriores. Estes podem ser sentidos no pensamento de Michel Foucault quando afirma, na mesa-redonda com intelectuais brasileiros, na PUC Rio, em 1973:

Logo, não aprovo a análise simplista que consideraria o poder como uma coisa só. Alguém disse aqui que os revolucionários procuram tomar o poder. Aí, eu seria muito mais anarquista. É preciso dizer que não sou anarquista no sentido de que não admito essa concepção inteiramente negativa do poder, mas não concordo com vocês quando dizem que os revolucionários procuram tomar o poder. [...] Para os autênticos revolucionários, apoderar-se do poder significa apoderar-se de um tesouro das mãos de uma classe para entregá-lo a uma outra classe, no caso, o proletariado. Creio que é assim que se concebe a revolução e a tomada do poder. Então, observem a União Soviética. Temos um regime onde as relações de poder na família, na sexualidade, nas fábricas, nas escolas, são as mesmas. O problema é saber se podemos, dentro do regime atual, transformar em níveis macroscópicos – na escola, na família – as relações de poder de tal maneira que, quando houver uma revolução político-econômica, não encontremos, depois, as mesmas relações de poder que encontramos agora. É problema da Revolução Cultural na China...” (FOUCAULT, 2013b, p. 148).

²⁰ “Nous étions à la recherche d’autres voies pour nous conduire vers ce tout autre que nous croyions incarné par le communisme. C’est pourquoi en 1950, sans bien connaître Marx, refusant l’hégélianisme et me sentant mal à l’aise dans l’existentialisme, j’ai pu adhérer au Parti communiste français. Être ‘communiste nietzschéen’, c’était vraiment invivable et, si l’on veut, ridicule. Je le savais bien” (FOUCAULT, 2017a, p. 869).

A tradição libertária sofre um processo contínuo de desqualificação em relação às formas políticas institucionalizadas. Marxistas membros dos Partidos Comunistas, como Eric Hobsbawn, consideram a grande maioria dos anarquistas “atrasados politicamente” por não acreditarem na institucionalização em partidos revolucionários ou de centralismo democrático. Os libertários, em sua luta pela vida livre, justa e digna, criticam incisivamente o poder e suas instituições em vista de uma dimensão radicalmente transformadora.

Infensos ao Estado, advogam o desejo de mudar o mundo e a si mesmo. Foucault parece se colocar distante dos anarquistas quando se refere a uma concepção meramente negativa do poder. Porém parece estar próximo, em grande medida, da tradição libertária em tantos outros pontos. Cremos ser importante delinear, neste ponto os elementos de intersecção entre ambos, já traçados por comentadores versados nessa seara. Já que as críticas de nosso autor à tradição socialista revolucionária parecem ter intersecções e pontos comuns à tradição libertária.

Não pretendemos, com isso, afirmar Foucault como anarquista, visto que, nas ruas de Paris ou nos corredores das universidades, em Vincennes ou em Túnis, ou nas fábricas, nos hospitais ou nas prisões, provavelmente esteve em contato com essas práticas, ou como herdeiro da tradição libertária, nem mesmo esvaziar suas críticas por terem sido mera replicação. Pretendemos evidenciar que há um enorme lastro dessas críticas em torno do problema da revolução na França, nas décadas de 1960 e 1970, e sobretudo no pensamento filosófico-político moderno.

1. Foucault é anarquista ante a um texto ao não respeitar a autoridade do nome do autor.

2. O anarquismo tem interesse pelo presente como forma de sentir o presente libertariamente em vista de uma liberdade.

3.O poder é ascendente. Vindo de baixo para cima, o poder parte do micro, do átomo, para depois se espalhar por todo o corpo social constituindo aparelhos, instituições e o Estado.

4.Crítica ao poder valorizando a ação direta dos autonomistas os quais são críticos radicais da representação política entendida como delegação do poder a outrem. A representação impede a tomada de decisões diretas em todas as áreas da vida social. Não há representantes e representados, porque toda prática deve ser já teórica. Toda ação política é significativa, e todo significado é uma ação política. Tal separação entre

teoria e prática tem como efeito exilar muitos de sua participação política em prol de uma vanguarda política condutora da consciência da luta rumo à verdade emancipatória, aos moldes do intelectual orgânico. Em vez de uma teoria da realidade, os anarquismos preferem a análise, os conceitos emergentes na história, o agonismo das relações de micropoder e a abolição do governo dos mestres e superiores. Foucault instrumentaliza a ação direta, explodindo os micropoderes e revertendo o jogo das relações de poder. Isso leva à recusa das formas de subjetivação promovidas pelo Estado e ao rompimento com a separação entre concreto e abstrato. Como afirma Passetti,

Foucault chamaria a atenção dos anarquistas para as práticas diárias na construção de uma vida livre que fortifica as lutas e faz da revolução um acontecimento possível pela evidência das práticas anarquistas de liberdade ocorrer antes de tudo, no campo *micro* (2013, p. 6).

5. Autores como Bakunin defendem que a emancipação socialista se efetua por lutas concretas na vivência real e amarga do povo. A auto-organização das massas em corpos autônomos federalizados de baixo para cima é a garantia da libertação. Esse esquema rejeita a teoria de uma consciência de classe introduzida de fora em forma representacional. Os anarquistas se opõem à concepção das “vanguardas esclarecidas” guias das “massas”. O intelectual não deve sequer tentar representar as massas. Ou ele luta junto ou já se coloca contrário à emancipação. A teoria é uma parte da luta.

6. A massa surge no século XIX demonstrando que a maioria confia seu destino à minoria. A massa se compacta solapando quaisquer minorias potentes. A maioria passou a desconhecer que é a minoria que detém a riqueza, e essa minoria a conduz e a assujeita. A massa é uma forma social e política do pastorado moderno, de indivíduos mortificados, segundo Foucault. Para Emma Goldman, a massa é uma maneira de se conduzir pela inércia e a covardia. A massa está disponível a ser governada como matéria viva ao Estado.

7. Há uma crítica aos condutores de consciência e aos revolucionários profissionais. Diante dos movimentos socialistas, comunistas e democratas, os anarquistas e Foucault são críticos às proposições reformistas e aos revolucionários profissionais dos partidos cuja militância se encontra governada.

8. O caráter horizontal do poder é outra característica próxima entre Foucault e os primeiros libertários.

9. Para Camila, Foucault estaria próximo do federalismo proudhoniano presente nas experiências não estatais dos territórios rebeldes zapatistas no México e no

Confederalismo Democrático de Rojava, no Curdistão Sírio. Um grupo social vive por si próprio, determinado internamente sem imposição unitária externa. Nesse sistema, autoridade e liberdade coexistem em uma dialética sem síntese. Isto é, o princípio da autoridade deve supor o princípio das liberdades. Não há autoridade sem liberdades, e seu contrário é válido. Não existem autoridades ou liberdades absolutas, pois são limitadas e contrabalançadas pela própria dialética sem síntese entre elas. A autoridade diminui conforme o poder vai se estruturando ascendentemente. Isso contrariamente ao governo centralizado.

“O federalismo consiste na subdivisão organizacional temporária ou permanente da sociedade, que se organizaria de baixo para cima, em grupos/unidades autônomas de associações, comunas ou cooperativas que se juntariam em federações, e então em confederações, por meio de delegados com mandados revogáveis sempre submetidos às assembleias locais por meio do exercício da democracia direta” (JOURDAN, 2017, p. 10).

10. A preocupação com a elaboração de novos conceitos, novas estratégias para captar a singularidade histórica do acontecimento. Proudhon e Bakunin combateram o domínio do saber constituído em teorias para advogarem a importância da análise dos acontecimentos.

11. O interesse pelas práticas soterradas pela história universal continuísta.

12. Trabalho interdisciplinar investido no desnudamento da dimensão mínima e molecular da dominação totalitária. Os maiores inimigos da humanidade seriam os valores fascistas dissolvidos e disfarçados na sociedade moderna. Para recusá-los, é preciso rejeitar toda centralização, toda hierarquia e toda representação. Para os anarquistas, a sociedade está para além do Estado, independente e, inclusive, possibilitando-o. Por isso, faz-se necessário sustentar o contrapoder.

13. A revolução tem por objetivo criar espaços livres para a manifestação histórica e destruir os obstáculos para seu surgimento. A formação de associações e resistências contínuas.

14. Opõe-se ao fatalismo espontaneísta em que tudo está podre e deve ser mudado na sociedade presente e ao fatalismo das leis históricas os quais depreciam os utopistas em nome das leis da história.

15. Luta contra o Estado em nome da defesa das múltiplas autonomias e da coordenação de base.

16. Crítica ao determinismo econômico segundo o qual a política é o reflexo da economia como é o caso da relação entre superestrutura e infraestrutura em Louis Althusser.

17. A liberdade iluminista e a prisão são irmãos de uma mesma mãe: a sociedade disciplinar e contratual. As liberações do jugo cotidiano das disciplinas, das prisões e do sistema penal. A construção do sujeito perigoso e anormal.

18. Apoderar-se do sistema de regras dominantes, invertendo-o e lançando-o contra si mesmo, produzindo outra história.

19. Ênfase nas práticas dessubjetivantes sustentadas pela liberdade social constituída pelo amor livre, ou seja, laços afetivos libertários.

20. Contestação do socialismo autoritário. As análises de Alexander Berkman no correr da revolução russa mostraram que as decisões de cúpula, a programação econômica, o fechamento da assembleia, a combinação da produção com concessões aos capitalistas europeus, as gestões individualistas nas fábricas, o domínio sobre a ração diária do trabalhador, a submissão dos sindicatos, e o extremismo em relação à usurpação da propriedade pelo Estado levou ao crescimento da burocracia, do poder de polícia do Exército Vermelho e ao fim do intento revolucionário.

21. Perceber o *lumpemproletariat* como força revolucionária. Foucault crítica o modo como certa corrente marxista de pensamento lida com o lumpemproletariado como população desagregadora e ausente de força revolucionária. Essa crítica parece se aproximar do pensador anarquista Mikhail Bakunin. Este inicia seu texto *Escrito contra Marx*, acusando Marx de não se ter dado conta da natureza e das causas do poder da Internacional Comunista. Pelo contrário, utilizou-o para suas pretensões políticas.

Ainda, foi incapaz de ser um revolucionário socialista internacional ao apontar seu esforço revolucionário para o Estado russo esquecendo-se de direcioná-lo a qualquer Estado, principalmente ao despotismo militar alemão. Bakunin o acusa de ter capitulado ante o anseio real dos trabalhadores de demolir as instituições políticas e todo poder político estatal por ser a força constituída da burguesia capitalista. Marx teria invertido a luta política pela luta econômica. A questão fundamental da luta de classes não é tomar o Estado e os meios de produção, mas destruir essa forma capitalista de organização política sustentada no poder soberano burguês sob a forma estatal.

Ao afastar qualquer caráter filosófico e político, a organização da imensa maioria do proletariado europeu e americano foi perpetrada, segundo Bakunin, por um programa excessivamente geral, indeterminado e vago cuja determinação teórica incorreu na exclusão de grupos específicos como lumpemproletariado. Ao contrário de Marx e Engels, o pensador anarquista o chama de a flor do proletariado. Em seus termos,

Por *flor do proletariado*, quero dizer, principalmente, essa grande massa, esses milhões de não civilizados, deserdados, miseráveis e analfabetos que o Sr. Engels e o Sr. Marx pretendem submeter ao regime paternal de um *governo muito forte* sem dúvida, para sua própria salvação, como todos os governos não foram estabelecidos, é evidente, no próprio interesse das massas. Por flor do proletariado, refiro-me precisamente a essa carne de governo eterno, essa grande canalha popular, que, sendo mais ou menos virgem de toda civilização burguesa, traz em seu seio, em suas paixões, em seus instintos, em suas aspirações, em todas as necessidades e misérias de sua posição coletiva, todos os germes do socialismo do futuro, o que só ela é hoje bastante poderosa para inaugurar e fazer triunfar a Revolução social (BAKUNIN, 2001, p. 24).

Sob o mito do programa político uno, Marx reuniu forças para impedir o esfacelamento da luta proletária em programas diferentes. Mas, diante da impossibilidade de uma união livre e espontânea dos trabalhadores de todos os países sob um programa comum, a Internacional o impôs conduzida pela batuta de Marx. Por isso, em nome de um programa e de uma luta unitária e centralista se combateu o ímpeto político anarquista matando-o em sua raiz sob a alegação de que o impulso libertário conduziria a divisão e a dissolução da luta proletária. A saída seria o vínculo servil à unidade. Interessante notar que Bakunin não chama a Internacional de Organização Internacional de Trabalhadores (OIT), mas de Associação Internacional dos Trabalhadores como forma de caracterizar que o vínculo deveria se dar em torno de uma solidariedade militante internacional de todos os trabalhadores explorados do mundo inteiro contra a exploração dos capitalistas e proprietários.

22. Há certa proximidade a cerca da concepção de Bakunin segundo a qual a revolta é o elemento diferenciador entre o ser humano e o animal. Faz-se necessário ter em conta que o humano é um dos únicos seres capazes de se sublevar contra o poder que o oprime, violenta e subjuga (PASSETTI, 2019).

23. Foucault, segundo Passetti, parece estar mais próximo de Bakunin que de Proudhon sobre o universal anarquista, mas muito mais próximo de Proudhon que de

Bakunin no tocante às relações de poder, ao direito, às heterotopias e às implicações da guerra permanente. Para Bakunin, a revolta é o que nos diferencia dos animais. A heterotopia anarquista é mais intensa em conservar o duelo e a inventividade do militantismo resistente. Diante da discussão entre individualistas – algo começa no indivíduo (Proudhon) – e coletivistas – o indivíduo se move pela possibilidade de coletivo (Bakunin) – Foucault situa a ética distante de uma decisão somente individual ante a moral. Deposita no querer, na vontade, o impossível diante do possível enunciando o insuportável e a dissolução do sujeito.

As práticas anarquistas se voltam para a implosão dos condutores de consciência e essa é a sua grandiosidade corajosa e heroica diante dos demais socialistas, comunistas e democratas. Os anarquistas são certos na crítica intransigente aos reformistas e revolucionários profissionais desde o século XIX e a militância governada. (PASSETTI, 2019, p. 17).

Assim, os pontos acima descritos com o apoio de pesquisas já realizadas apontam que a proximidade de Michel Foucault com os movimentos anarquistas da tradição libertária produziu inúmeros ecos e reverberações em seu pensamento no decorrer de sua obra (JOURDAN, 2017; PASSETTI, 2013; 2019; RAGO, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos apresentar a relação de Foucault com o “marxismo” delineando o contexto geográfico e político no qual empreendeu seu percurso formativo após sair de Poitiers. Foucault parece indicar que o “marxismo” está circunscrito ao PCF como instância agregadora da inspiração de um projeto universal revolucionário. O “stalinismo francês” se caracterizou por uma combinação do modelo soviético à memória da Revolução Francesa e das luzes bem como a uma estratégia política nacional²¹. Foucault, ao contrário, é um comunista aos moldes nietzschianos por pretender a transformação de si e dos outros em um mundo outro como enfatizará com maiores contornos em seu pensamento na década de 1980. Neste ponto destaca o último curso pronunciado no *Collège de France* em 1984 dedicado à noção de coragem da verdade.

A reconstrução desse percurso tem por finalidade apontar as relações nas quais o autor e seus interlocutores diretos estavam imersos. Foucault falava desde um contexto de disputas, lutas e enfrentamentos reais de pensamento e de corpo a corpo. Seus cursos

²¹ Afirmação sustentada nas palavras do autor, em entrevista a C. Bojunga e R. Lobo para o *Jornal da Tarde*, em 1975 (FOUCAULT, 2001p, p. 1684).

e grupos estavam abarrotados de estudantes, militantes, amigos e jovens cuja boa parte se identificava como marxista, marxistas leninistas, trotskistas, stalinistas, marxistas althusserianos, marxistas ex-althusserianos ou ex-marxista ex-althusserianos (maoístas) (BALIBAR, 2015, p. 90).

Um momento efervescente e repleto de tensões e embates. Um contexto geopolítico e intelectual em que é se faz muito significativo perceber o impacto da recusa de Foucault em se identificar como marxista e se desfiliar do PCF. São respostas concretas do filósofo à concepção stalinista do primado da teoria oficial e da cristalização do partido como forma política do horizonte revolucionário. Mais ainda, uma resposta aos efeitos de violência, opressão e cerceamento dessas estruturas organizativas e de pensamento que produzem, instituem e exercem poder no corpo social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Perry. *Considerações sobre o marxismo ocidental*. Tradução de Carlos Cruz. Porto: Afrontamentos, 1976.

BAKUNIN, Mikhail. Escrito contra Marx. In: BAKUNIN, Mikhail. *Escritos contra Marx*. Tradução de Plínio Augusto Coelho. São Paulo; Rio de Janeiro: Nu-Sol; Imaginário; Soma, 2001. p. 20-53.

BALIBAR, Étienne. L'anti-Marx de Michel Foucault. In: LAVAL, Christian; PALTRINIERI, Luca; TAYLAN, Ferhat. *Marx & Foucault: lectures, usages, confrontations*. Paris: La Découverte, 2015. p. 84-102.

BARING, Edward. *O jovem Derrida e a filosofia francesa, de 1945 a 1968*. Tradução de Adriano Scandolara. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

BERT, Jean-François. Cartographier les marxismes avec Foucault: les années 1950-1960. In: LAVAL, Christian; PALTRINIERI, Luca; TAYLAN, Ferhat. *Marx & Foucault: lectures, usages, confrontations*. Paris: La Découverte, 2015. p. 105-112.

DEFERT, Daniel. Chronologie. In: FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 2001. p. 13-90. v. 1.

DERRIDA, Jacques. Politics and Friendship: an interview with Jacques Derrida. In: KAPLAN, E. Ann; SPINKER, Michael (Org.). *The Althusserian legacy*. London; New York: Verso, 1993. p. 183-231.

ERIBON, Didier. *Foucault: uma biografia*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ERIBON, Didier. *Michel Foucault*. 3. ed. rev. ampl. Paris: Champs, 2011.

FOUCAULT, Michel. Anti-Rétro. In: FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 2001a. p. 1514-1528. v. 1.

FOUCAULT, Michel. *Doença mental e psicologia*. Tradução de Lilian Rose Shalders. 4. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.

FOUCAULT, Michel. Entretien avec Madeleine Chapsal. In: FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 2001b. p. 541-546. v. 1.

FOUCAULT, Michel. Entretien avec Michel Foucault. In: FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 2017a. p. 860-914. v. 2.

FOUCAULT, Michel. Entretien avec Michel Foucault. In: FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 2017b. p. 140-160. v. 1.

FOUCAULT, Michel. Entrevista com Michel Foucault. In: ROUANET, Sergio Paulo; MERQUIOR, José Guilherme (Org.). *O homem e o discurso: a arqueologia de Michel Foucault*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 17-42.

FOUCAULT, Michel. Est-il donc importante de penser? In: FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 2017c. p. 997-1001. v. 2.

FOUCAULT, Michel. Je perçois l'intolérable. In: FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 2001c. p. 1071-1073. v. 1.

FOUCAULT, Michel. *L'origine de l'hermeneutique de soi*. Paris: Vrin, 2013b.

FOUCAULT, Michel. La vie: l'expérience et la science. In: FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 2017d. p. 1582-1595. v. 2.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução de org. Roberto Machado. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. Structuralisme et poststructuralisme. In: FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 2017e. p. 1250-1276. v. 2.

GARO, Isabelle. *Foucault, Deleuze, Althusser & Marx: la politique dans la philosophie*. Paris: Demopolis, 2011.

HUSSERL, Edmund. *A ideia da fenomenologia*. Tradução de Marloren Lopes Miranda. Petrópolis: Vozes, 2020.

JOURDAN, Camila Rodrigues. Anarquismo e analítica do poder. *Revista Ecopolítica*, São Paulo, n. 17, p. 2-18, jan./abr. 2017.

LEME, José Luís Câmara. O lado da sombra, Foucault e o retorno da extrema direita. In: MUCHAIL, Salma Tannus; RAGO, Margareth; FONSECA, Marcio Alves; TOMELIN, Georghio Alessandro; SOUZA, Pedro de. *Michel Foucault: devir do pensamento e multiplicação de práticas*. Campinas: Pontes, 2023. p. 89-101.

NIGRO, Roberto. “Communiste nietzschéen”. L’expérience Marx de Foucault. In: LAVAL, Christian; PALTRINIERI, Luca; TAYLAN, Ferhat. *Marx & Foucault: lectures, usages, confrontations*. Paris: La Découverte, 2015. p. 71-83.

PASSETTI, Edson. A presença de Michel Foucault nos anarquismos. *História: Questões & Debates*, Curitiba, v. 67, n. 2, p. 16-41, jul./dez. 2019.

PASSETTI, Edson. *Foucault e os anarquismos*: texto apresentado na Facultad de Filosofía y Humanidades de la Universidad de Chile. Santiago: Universidad de Chile, 3 out. 2013. Disponível em: https://www5.pucsp.br/ecopolitica/relatorios/2014_relatorios/textos-para-publicacao/edson-passetti-foucault-e-os-anarquismos.pdf. Acesso em: 31 mai. 2025.

RAGO, Margareth. Foucault, o anarquismo e a história. In: RAGO, Margareth. *Foucault, história e anarquismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rizoma, 2015. p. 9-27.

RUBEL, Maximilien. La charte de la Première Internationale: Essai sur le “marxisme” dans l’Association internationale des Travailleurs. *Le Mouvement Social*, Paris, n. 51, p. 3-22, 1965.

SOKOLOWSKI, Robert. *Introdução à Fenomenologia*. São Paulo: Loyola, 2004.

SPRIANO, Paolo. O movimento comunista entre a Guerra e o Pós-Guerra: 1938-1947. In: BADALONI, Nicola et al. *História do Marxismo: o marxismo na época da Terceira Internacional – de Gramsci à crise do stalinismo*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sérgio N. Henriques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. v. 10. p. 129-212.

TELES, Gabriel. *A origem do termo “marxismo”*. Aula ministrada no curso “Karl Korsch e György Lukács: 100 anos da renovação do marxismo”. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 8-11 out. 2023.